

CONSEQUENCIAS CAUSADAS NA AGRICULTURA PELOS AUMENTOS SUCESSIVOS DO PREÇO DO PETRÓLEO.

Autor: Eng. Agr. Virgílio Morais Rennó

UNIFENAS – Alfenas – MG

Aluno de Mestrado em Sistemas de Produção na Agropecuária

Virg.more@yahoo.com.br

RESUMO;

Este trabalho tem como objetivo mostrar aos leitores o quanto pode afetar a agricultura os aumentos sucessivos do barril de petróleo bruto. A previsão desses aumentos é o barril de petróleo ir a US 200,00 e o colapso que isto vai causar na economia mundial. A explosão dos preços do petróleo constitui uma dádiva para os fundos especulativos (hedge funds). Aqueles que se especializaram nas matérias-primas andaram registrando rendimentos anuais de mais de 100%. A produção de alimentos esta diretamente ligada a agricultura, pois para produzi-los gastamos muitos produtos derivados do petróleo como combustível, fertilizantes, embalagens, agrotóxicos. Os estoques reguladores mundiais estão muito baixos e os produtos agrícolas estão se ajustando. Se não bastasse o petróleo existe também os especuladores, que aplicam em commodities agrícolas nas bolsas de valores, o que provoca aumentos significativos também no mercado.

Palavras-Chave: Petróleo, combustíveis, fertilizantes, embalagens, agricultura, bolsa de valores.

Abstract;

This paper aims to show viewers how agriculture can affect the successive rises of a barrel of crude oil. The forecast for these increases is a barrel of oil go to U.S. 200.00 and the collapse that go cause in the world economy. The soaring oil prices is a gift to the speculative funds (hedge funds). Those who have specialized in raw materials walked registering annual revenues of more than 100%. The production of this food

directly linked to agriculture, as to produce them spend many products derived from oil as fuel, fertilizers, packaging, pesticides. Stocks regulators worldwide are very low and agricultural products are adjusting. If not enough oil there is also the speculators, which apply to agricultural commodities in stock exchanges, which also causes significant increases in the market.

Keywords: Oil, fuels, fertilizers, packaging, agriculture, stock exchange

Introdução:

A finalidade deste artigo é analisar as conseqüências causadas na agricultura pelos aumentos sucessivos do petróleo. Quando se trata de alimento a agricultura acaba virando a vilã da inflação ou a culpada pelos problemas econômicos pelos quais o país venha a passar, esquecendo dos verdadeiros vilões que provocam esse desequilíbrio das contas publicas que na realidade é o setor energético, principalmente a energia oriunda de produtos fosseis. Estes produtos além de ter um efeito poluidor muito grande não param de subir o que vem ao longo dos anos aumentando cada vez mais os custos de produção chegando às vezes a inviabilizar projetos inteiros em uma linha de produção. A conseqüência destes aumentos é sentida na panela, ou seja, na alimentação. Para que ocorra produção na agricultura gastamos centenas e milhares de litros de petróleo começando pelo preparo do solo, na adubação, na colheita, na secagem dos grãos, no beneficiamento e no transporte. A economia global esta nas mãos dos produtores de petróleo até o dia que possamos mudar a fonte energética usada na produção agrícola e mantermos estabilidade nos preços dos combustíveis. Vejamos, por exemplo, quem gostaria de plantar feijão sabendo que o governo vai controlar ou influir no preço final do produto para que este alimento chegue mais barato na mesa do povo. Isto sem considerar que a população mundial esta crescendo em uma proporção muito grande e conseqüentemente consumindo mais a cada dia. Podemos ver pelas pesquisas e artigos publicados nos jornais e revistas sobre este assunto. Portanto este trabalho tem como base de pesquisa as noticias dos jornais, revistas e artigos relacionados ao tema pesquisado como vemos a seguir.

Comentários:

Segundo afirmou em entrevista à Bloomberg o principal analista do Deutsche Bank para a Energia, Adam Sieminski, "petróleo a 200 dólares irá quebrar a espinha da economia global, o próximo passo seria uma recessão à escala mundial e más notícias para toda a gente.

Estes comentários de Sieminski surgem depois do Goldman Sachs ter previsto que os preços do petróleo poderão subir para valores entre os 150 e 200 dólares por barril no espaço de dois anos, uma vez que o crescimento dos fornecimentos, em particular dos produtores exteriores à Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), não está conseguindo acompanhar a procura. A Rússia, que é a maior exportadora de petróleo do mundo a seguir à Arábia Saudita, enfrenta este ano a primeira quebra da sua produção nos últimos dez anos, uma vez que em maio a sua produção recuou 0,9% para os 9,76 milhões de barris por dia. A encruzilhada entre o aumento do consumo energético do planeta e a progressiva escassez das reservas de combustíveis primários deveria suscitar uma séria reflexão sobre o nosso modo de vida, sobre a forma intensiva como produzimos e consumimos. Atualmente, as únicas formas de produção de energia em larga escala estão dependentes de combustíveis primários, todos eles com reservas finitas e por isso com os dias contados. Apesar de o aumento da percentagem de energias renováveis no consumo energético, não se prevê que estas possam abastecer a população mundial na mesma proporção que os combustíveis fósseis.

Na tabela seguinte são indicadas as reservas mundiais estimadas de combustíveis primários expressas em energia, em milhares de quads (1 quad=10¹⁸ joules), e a durabilidade estimada de cada combustível em função da sua taxa atual de consumo.

Combustível	Reservas	Tempo de Consumo (anos)
-------------	----------	-------------------------

Primário	(milhares de quads)	
Petróleo	10	=100
Gás Natural	10	> 150
Urânio	10	=100
Carvão	140	> 200

Dados publicados em "De Tchernobyl en tchernobyls", Georges Charpak, Richard Garwin e Venance Journé, Odile Jacob, 2005.

Se continuarmos consumir petróleo ao ritmo atual, as reservas estimadas estarão esgotadas no final deste século, o que poderá acarretar duas consequências muito negativas:

- 1) aumento da poluição dado que a alternativa mais abundante é o carvão, que é mais poluente;
- 2) agravar o problema do aquecimento global dado que a atual taxa de emissão de CO₂ não permite a sua absorção por mecanismos naturais, permanecendo este gás na atmosfera durante mais de 100 anos.

“Estamos numa situação de abrandamento económico, e a subida do preço do petróleo pode agravar ainda mais a situação atual”. As palavras são de João Loureiro, economista e professor na Faculdade de Economia do Porto (FEP) Portugal, contatado pelo Jornalismo Porto.Net.

“Um aumento generalizado dos preços e subida da inflação em todos os países” são as consequências mais imediatas de uma subida dos preços do petróleo. É esta a perspectiva do economista João Loureiro.

“Uma das implicações é a subida geral da inflação”. João Loureiro explica que, “aumentando o custo do petróleo, aumenta o custo da generalidade de todos os bens e serviços”. Isto acontece porque “tudo é transportado” e também porque “a energia é utilizada para produzir os bens”. No fundo, “a energia está presente, direta ou indiretamente, em tudo aquilo que nós consumimos”, lembra o economista da FEP. “Um ciclo vicioso”

Além da subida de preços e conseqüente inflação, poderá também registrar-se um “agravamento da situação de abrandamento económico que atualmente existe”, alerta João Loureiro. Existe a possibilidade de um agravamento da recessão económica porque, explica, “se os preços sobem muito, as pessoas deixam de consumir tanto”, o que tem consequências negativas para as empresas, que “não

têm forma de escoar a produção”. Por outro lado, essa quebra na produção devido ao abrandamento do consumo vai provocar um inevitável aumento das taxas de desemprego, explicou João Loureiro.

A falta de escoamento dos produtos das empresas é sinônimo de “menos lucros”, o que se reflete no “valor das empresas” na Bolsa de Valores: menos lucros significam uma queda do preço das ações. João Loureiro classifica a situação de “ciclo vicioso”, pois “esta queda das cotações das ações tem uma outra implicação sobre o crescimento econômico: é que as pessoas que compraram ações a 10 e agora a sua cotação só vale 5 são pessoas que no fundo empobreceram e que perderam parte da sua riqueza”. Isto leva a que essas pessoas deixem de ter tanto poder de compra, e volta-se ao início de todo o processo.

O Jornalismo Porto.Net tentou ouvir a Galp Energia, mas a empresa recusou-se a prestar quaisquer declarações sobre o assunto.

A seguir temos uma tabela sobre a cotação diária do preço do petróleo que poderemos acessar diariamente no site do Diário econômico de Portugal e que no dia da pesquisa se encontrava em US\$135,80 o barril do óleo bruto com tendência de alta.

Tabela publicada no Diário Econômico de Portugal



To get the oil price, please enable Javascript

Continuando com nossa pesquisa, não poderíamos deixar de ouvir a FAO que é o órgão máximo no mundo quando se trata de alimentos que diz o seguinte: A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) divulgou

um relatório onde afirma que os alimentos não voltarão a ser baratos. O aumento na demanda e a necessidade de repor os estoques manterão o preço dos alimentos altos.

Segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira, professor da USP, as causas para o aumento no custo de alimentos vão além da produção dos biocombustíveis. O preço de produtos como o arroz, o trigo e a soja observados nos últimos meses relacionam-se ao aumento no custo do barril de petróleo, que também ocasiona o aumento dos agroquímicos e consequentemente o aumento na produção de alimentos.

O preço do milho no mercado internacional, impulsionado pelo uso do milho para a produção de etanol pelos EUA causaram um aumento nos preços de arroz, soja e trigo. Muitos dos produtores desses alimentos redirecionaram sua produção para milho, o que causou uma diminuição nos estoques dos outros cereais, causando aumento do preço desses produtos. Esse dado nos faz acreditar que no caso do etanol brasileiro, produzido a partir de cana-de-açúcar, a história é outra e não haveria aumentos dos alimentos.

Porém, no Brasil, houve aumento nos preços de feijão, arroz e mandioca, principalmente porque muitos dos produtores desses alimentos direcionaram suas lavouras para o plantio de milho, já que o preço desse grão no mercado internacional era maior.

Segundo a FAO, o aumento no preço dos gêneros alimentícios ocasionou um aumento na produção dos alimentos e as próximas safras devem ser boas. Porém o preço dos alimentos deverá continuar alto.

As políticas neoliberais aplicadas à agricultura e ao comércio mundial de alimentos são responsáveis pela crise que se abateu sobre os alimentos na atualidade. Ela é resultado da total incapacidade do mercado para construir uma política mundial de segurança ou de soberania alimentar. Vários são os fatores para explicá-la, em primeiro lugar, deve-se destacar que depois da criação da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) e do advento da revolução verde, o mundo capitalista adotou um mecanismo de controle de produção de alimentos baseado no sistema de estoques. Essa sistemática tinha por objetivo garantir excedentes agrícolas alimentares que permitissem simultaneamente, garantir a oferta de alimentos diante o fantasma da fome e a regulação de seus

preços contra as ações especulativas dos players capitalistas (jogadores do mercado das bolsas de mercadorias e valores). Com o neoliberalismo e a criação da OMC (Organização Mundial do Comércio), o sistema adotado é aquele da colocação dos estoques no mercado e do império absoluto do livre comércio. Ou seja, o mercado através da disponibilidade dos estoques seria o regulador da oferta da produção de alimentos. Essa mudança revela na atualidade sua consequência que vem a ser a crise. Com a redução dos estoques de alimentos e da elevação de seus preços, os fundos de investimentos que sofreram violentas perdas, com as 'subprime', no mercado financeiro e imobiliário norte-americano, passaram a investir no mercado futuro, das commodities (milho, soja, trigo e arroz, principalmente). Este processo meramente especulativo atua no controle privado dos estoques e sobre a possibilidade de oferta de alimentos no mercado futuro.

Dessa forma, todas as commodities têm já preços para o final do ano ascendentes. Simultaneamente, com estes dois processos, articula-se a segunda causa em importância: a opção dos EUA pela produção do etanol a partir do milho. É óbvio que o efeito desta escolha fez com que parte do milho destinado à alimentação humana e à produção de ração animal fosse destinada à produção do agrocombustível. Porém, o aumento rápido do consumo do grão gerou mecanismos especulativos na queda dos estoques. Essa queda, por sua vez, puxou para cima consigo os preços da soja, trigo e arroz. A terceira causa decorre do aumento do preço do petróleo, uma vez que já há previsões para que o preço do barril chegue a US\$ 200. A produção de grãos na revolução verde está assentada no setor agroquímico, e esse é comandado pela lógica do preço do petróleo. Com a subida do preço do petróleo, sobe o dos agroquímico e também o custo da produção agropecuária. Conseqüentemente, esta pressão atua no sentido do aumento dos preços dos alimentos. No caso brasileiro, como consequência da crise mundial e da elevação dos preços internacionais do trigo associado ao bloqueio estabelecido pela Argentina em relação às exportações deste cereal ao Brasil, seu preço e de seus derivados estão aumentando. O país, sendo o maior importador mundial de trigo, precisa importar 7 dos 10 milhões de toneladas que consome. Essa produção vem dos EUA e Canadá, a preços elevados e frete aumentando. Com relação aos três alimentos básicos da população brasileira (feijão, arroz e mandioca), desde 1992 o país não expande sua área plantada. O aumento do preço do feijão, por exemplo, decorreu da conversão da sua produção em terras para cultivo do milho, que tinha

preços mais vantajosos no mercado mundial, em função da escalada provocada pelo etanol americano. Escalada que atingiu também a soja, que, na falta do milho, o substituiu na ração animal – não na alimentação humana. No caso do arroz, os estoques de que o Brasil dispõem são baixíssimos – 10% da demanda. A perspectiva de safra, já praticamente colhida, momentaneamente não sinaliza para uma situação de falta do produto, mas seu preço no mercado interno já subiu. Dessa forma, como não há estoques suficientes no país e, os preços no mercado mundial estão elevados, e em parte, as exportações bloqueadas, continuarão a falta e os preços altos dos alimentos no país. Assim, a dedução lógica desta política que transforma alimento em agrocombustível é a crise mundial dos alimentos.

Levantamento especial da Fundação Getulio Vargas produzido a pedido da Agencia Estado e publicado dia 29 de junho de 2008 mostra que os preços dos fertilizantes subiram nada menos que 83,21% nos últimos 12 meses. Segundo o que pesquisei, a alta deve manter a pressão no custo dos alimentos também em 2.009. Os produtores devem gastar, este ano com a compra de fertilizantes, o dobro do que gastaram em 2.007. E a possibilidade de ultrapassar 100% no aumento do preço dos fertilizantes é perfeitamente plausível e os alimentos terão que lidar com este impacto. A inflação dos alimentos ainda não acabou e deve ser acompanhado ainda no ano que vem isto porque a demanda por itens alimentícios deve seguir elevado. A cotação elevada do petróleo vem influir no preço dos fertilizantes pois em sua fabricação é usado derivados do petróleo, cujos preços também sobem para acompanhar a flutuação da cotação do barril. Ainda temos os biocombustíveis, que para a sua produção e aumento da sua demanda são usados mais fertilizantes e mais combustíveis fósseis, que será repassado de forma gradativa para os alimentos. Existe uma grande possibilidade que os fertilizantes continuarão a subir em 2.009 de forma lenta, visto que a forte demanda por alimentos não aparenta ser um fenômeno característico deste ano. O interessante é que o Brasil é rico em minerais, matéria prima dos fertilizantes mas que são mais de 70% importados principalmente o potássio. O governo estuda estimular a exploração desses minerais para diminuir a pressão sobre os alimentos, muitas das jazidas estão a anos sob concessão sem serem exploradas. O governo estuda mudanças no código de mineração e será concluída até o final deste ano de 2008. Elevar a oferta de insumos agrícolas seria uma estratégia para segurar o preço dos alimentos. O Brasil importa 75% do nitrogênio, 51% do fosfato e 91% do potássio para produzir NPK, o

fertilizante químico mais utilizado. No caso do Nitrogênio extraído do gás natural a importação cresce a medida que o consumo nacional do produto-base aumenta, o que obriga a Petrobras a reduzir sua margem de folga para produzir o insumo. Já o fosfato permite situação mais confortável, uma vez que o país ainda detém grande potencial a ser explorado. O problema é que este setor está concentrado nas mãos de apenas três grandes grupos o que tem diminuído a concorrência. O maior problema é o potássio, o Brasil tem poucos depósitos e só uma mina em operação em Taquari Vassouras em Sergipe.

Conclusão:

Como podemos ver a escalada nos aumentos do petróleo veio consequentemente provocar o aumento dos alimentos em função da dependência que temos desta fonte de energia na produção agrícola. O mercado ficará aquecido em relação ao consumo de produtos agrícolas por alguns anos isto sempre dependendo dos produtos oriundos do petróleo ou que se descubra uma outra matriz energética mais barata para diminuir os custos de produção dos alimentos na agricultura. Como estamos vendo o vilão da história não é a agricultura, mas sim o petróleo, isto devido aos aumentos seguidos e especulativos dos países produtores querendo sempre ganhar mais, sem preocupar em provocar um colapso mundial. Temos que tomar cuidado para não entrarmos em uma recessão mundial, e como vemos acima temos que desenvolver outras matrizes energéticas que possam substituir o petróleo como matriz energética e que não tenham um custo muito alto para a agricultura.

Bibliografias:

-**Duarte, Pedro**, Jornalista do Diário Económico de Portugal, Publicado em 25 de junho de 2008.

-**João Loureiro**, economista e professor na Faculdade de Economia do Porto (FEP) Portugal, contatado pelo Jornalismo Porto.Net. Publicado: 02.06.2004

-**Oliveira, Ariovaldo Umbelino de**, é professor Titular de Geografia Agrária – FFLCH – USP/ABRA/Instituto Iánde. Texto publicado no Jornal do Campus, Número 338, Ano 26.

-**Quadros, Salomão**, Levantamento especial da Fundação Getulio Vargas produzido a pedido da Agencia Estado e publicado dia 29 de junho de 2008, caderno de Economia e negócios.